

APROPRIAÇÕES, USOS E MUDANÇAS NA FUNÇÃO SOCIAL DA IMAGEM FOTOGRÁFICA NA ERA DIGITAL

DANIEL MEIRINHO DE SOUZA

DOUTORANDO, CIMJ – CENTRO INVESTIGAÇÃO MEDIA & JORNALISMO
FCSH – FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Resumo

Este artigo explora as relações entre os indivíduos e as tecnologias digitais de captação fotográfica. Desenvolvemos um entendimento sobre os avanços, as transformações e a popularização que a fotografia tem vindo a sofrer, até chegar a uma alargada acessibilidade. A análise procura compreender as apropriações e utilizações dadas à imagem fotográfica e aos equipamentos de captação imagética na utilização e captação da fotografia como ferramenta digital, suas especificações e características.

Palavras-chave

Fotografia; Inclusão Digital; Telemóveis.

A fotografia como ferramenta tecnológica e como memória

Neste artigo exploramos as relações entre os indivíduos e a imagem, que se estão a alterar com as tecnologias digitais. Menores custos, melhores condições para aquisição de equipamentos, agregação a outros aparelhos como telemóveis facilitam a função híbrida que a fotografia tem vindo a assumir no campo tecnológico. A fotografia digital, hoje, apresenta mudanças radicais como a imediata visualização ou a grande facilidade em manipular, editar e difundir a imagem. Em poucas palavras, a fotografia ganha um novo suporte que a populariza e a torna mais presente na vida quotidiana. Com os avanços tecnológicos no campo da imagem fotográfica, esta torna-se parte integrante das relações interpessoais, pois nela estão eternizados recortes de momentos que não se poderão repetir, existencialmente.

A partir do instante em que a fotografia é analisada como uma tecnologia, a imagem fotográfica torna-se uma influência crescente nas relações humanas e com o ambiente, um aspecto já sublinhado por Bourdieu, em 1965, sobre a transformação radical da imagem fotográfica na sua função social na vida quotidiana. Como sublinha, a fotografia transgride o poder temporal e simbólico e assume um papel de representação de momentos, lugares, objectos e lembranças de bons tempos.

Por seu lado, Carole Rivière afirma que a função da fotografia, particularmente a de registo familiar, não desaparece com avanços tecnológicos, mas que se altera: “tem sido gradualmente alargada a prática de situações fotográficas cada vez mais diversificadas,

e profanado o seu uso, até agora reservado para momentos excepcionais” (Rivière 2006: 120). Van House confirma esta ideia quando diz que “com uma câmara sempre disponível e com fácil visualização e partilha de fotografias, as pessoas encontram novas formas de usar as imagens para suportar usos sociais. Formas estas não utilizadas anteriormente.” (Van House 2005: 1856).

Um dos processos mais significativos de avanços e transformações da fotografia foi a sua associação ao telemóvel. Tal situação pode ser verificada pela relação de extensão do corpo, de domesticação e de dependência que os telefones móveis assumem na sociedade actual. Estudos de Ling (2004), Castells (2007) e Goggin (2006) comprovam que as funções fotográficas, de audição de música e de envio de SMS dos telemóveis estão na mesma proporção que a utilização básica do dispositivo, a de fazer ligações telefónicas. A função de obtenção da imagem fotográfica pelo dispositivo telefónico concretiza o sonho de uma câmara portátil, os indivíduos que precisavam de carregar um equipamento fotográfico, ao sair de casa, estão agora constantemente munidos do aparato.

A popularização da imagem fotográfica tornou-se realidade com as câmaras Kodak, em 1889. Hoje em dia, segundo Rivière (2006), a fotografia alcançou um nível maior de acesso e reprodução com as câmaras acopladas aos telemóveis. Desta forma, a popularidade dos equipamentos fotográficos, para captar momentos domésticos e habituais, atinge o seu apogeu. A autora vai mais além quando diz que “o telefone móvel é o primeiro estado, a prótese da pessoa” (Rivière 2006: 121), e conduz a um efeito de banalização do acto de fotografar, permitindo às pessoas fazê-lo diária e indiscriminadamente. Aponta ainda que a utilização da fotografia pelos telemóveis constitui uma mudança fundamental na função social da fotografia: as imagens captadas pelos telefones não são produzidas para marcar a memória, nem para imprimir ou para guardar em álbuns.

Existem concepções distintas entre a fotografia tradicional e a gerada por telemóvel: não se trata de eternizar o momento e de recordar os laços sociais, mas de circular na rede, através dos envios rápidos e imediatos. É trocar com o outro, pela rede, ou mesmo mostrar directamente, para quem está ao lado, o “veja essa foto que fiz agora”, ou como diz Rob Shields (2007): “Olha! Foi há cinco segundos!”. O que importa, como Explicava Rivière, é marcar o presente banal e não os momentos especiais e solenes. Já para Barbara Scifo (2005), o acto de fotografar transformou-se com o telemóvel em algo lúdico mas não banal. Uma essência quase mágica, onde acontece um jogo de capturar imagens e partilhar com amigos.

Estudos feitos no Japão, Finlândia, França e Itália, entre 2004 e 2006, (Koskinen, 2004; Kato, Okabe *et al.*, 2005; Rivière, 2005; Rouchy, 2005; Scifo, 2005; Goggin, 2006) mostram que a maior parte dos utilizadores de câmaras fotográficas pelos telemóveis não faz, nem se preocupava em fazer *backups* do material visual produzido. Neste caso, a difusão imagética é feita de forma diferenciada da usual, de arquivar imagens em álbuns. Estes passam a ser virtuais e acessíveis de diferentes sítios e dispositivos.

Para Scifo, se as fotografias geradas por telefone apresentam o carácter de curta duração, continuam a ter a função de registo. O dispositivo telefónico até potencializa o acesso ao arquivo. “A câmara do telefone também funciona bem como um arquivo fotográfico de

memórias, um arquivo dentro dos telemóveis de fácil alcance. Algo para olhar repetidamente” (Scifo, 2005: 365).

A partir da sua funcionalidade como registo do real, a imagem fotográfica assume a tradicional função social de tornar eternos os momentos, sejam estes de reunião social ou familiar, pela captação de momentos solenes e para reforçar a integração do grupo familiar. Existe claramente a intenção do registo que reforçará a memória através do arquivo, no que Bourdieu (1965) chamava de “verdade da lembrança” e Barthes (1980) de “ratificação do passado”. É com o regresso ao álbum, aos momentos familiares (volta ao passado) que a fotografia consegue reforçar a memória individual e colectiva.

Com a evolução dos processos e a popularização da fotografia, os retratos em família passam a ser produzidos sem a presença de um profissional, permitindo que os familiares produzam as suas fotografias e os seus álbuns, perpetuando mais eficazmente uma memória secular. Nos anos 1960, Bourdieu evidenciava o significado do “álbum de família”, quando afirmava que “a galeria de retratos” se tinha democratizado, que cada lar tinha “o seu retratista, na pessoa do chefe de família”, e que o álbum de família exprimia “a verdade da recordação social” (Bourdieu 1965, p.53-54).

Na memória, constituída por acontecimentos, pessoas/personagens e lugares, existem “lugares particularmente ligados a lembranças, que podem ser lembranças pessoais ou não ter apoio no tempo cronológico” (Pollak 1992: 2). Ora, como afirma Dubois (1984) “a memória é feita de fotografias”.

A imagem fotográfica é assim uma das formas modernas que melhor encarna o prolongamento das artes da memória. Para o autor (Dubois, 1984: 314-317), a imagem fotográfica é uma das formas modernas que melhor encarna o prolongamento das artes da memória, podendo esta ser entendida como uma máquina, feita de câmaras (os lugares) e de revelações (as imagens).

Historicamente, a fotografia foi e continua a ser um fenómeno que revolucionou a memória, a sociedade e o pensamento moderno. A concepção e visão de mundo alteraram-se a partir do seu advento com a sua chamada visão imparcial, precisa, metódica, inequívoca, que muito contribuiu nos campos da evolução tecnológica, informativa, dedutiva, historiadora, do campo social.

Questões para análise e orientações metodológicas

Para procurar esclarecer questões que rondam a fotografia e com base nos enquadramentos propostos relativamente à sua função social e à relação criada com os seus utilizadores, sugerimos algumas questões para análise.

1) A fotografia promove laços familiares e de integração social? Se sim, existe uma relação entre a imagem fotográfica, as recordações e lembranças das pessoas?

2) O que muda com as tecnologias digitais de captação da imagem fotográfica? Que variáveis marcam as relações de apropriação entre os indivíduos e a fotografia?

Para uma resposta exploratória a estas questões, analisámos entrevistas a 65 famílias residentes em Portugal, no âmbito do *Projecto Inclusão e Participação Digital*. As entrevistas, realizadas entre Novembro e Dezembro de 2009, incidiram sobre dois membros de cada família, de gerações diferentes, e orientavam-se por um guião de questões sobre história de vida e usos dos *media*. Foram assim inquiridos 130 indivíduos, dos 15 aos 90 anos, numa amostra de conveniência que incluía utilizadores e não utilizadores da internet.

Apesar de o guião da entrevista conter apenas uma única questão directamente relacionada com fotografia (*Tem uma câmara fotográfica ou de filmar? O que costuma fazer habitualmente com ela? Quando era criança, a sua família também tinha estes equipamentos?*), quer a fotografia quer o telemóvel emergiram e impuseram-se como práticas e meios destacados espontaneamente pelos entrevistados.

Como algumas respostas apontaram o uso dos telemóveis para a captação de fotografias, foram incluídas as três perguntas relativas a esse meio mas só foram dissecadas as respostas em que os entrevistados comentavam a utilização de recursos fotográficos nos seus telefones móveis. Demos atenção às respostas referentes a fotografias obtidas pelos telemóveis e de que forma esse suporte visual é utilizado como objecto de memória. Os extractos sobre fotografia foram cruzados com o sexo, idade, escolaridade e ocupação.

Apropriações e utilizações dos equipamentos fotográficos

Ao tentar-se traçarem-se perfis de uso, visualizamos que os que possuem menor utilização de dispositivos fotográficos são homens, acima dos 40 anos, com baixa escolaridade. Nestes, as câmaras estão sob encargo, normalmente, dos filhos, dos netos ou da esposa. Os membros familiares do género feminino despontam como utilizadores frequentes dos dispositivos fotográficos. A situação económica e social da família não é, necessariamente, um empecilho para obter equipamentos, pois o mercado apresenta ofertas acessíveis. Essa situação pode ser uma variável importante no que se refere à especificação e funcionalidades do equipamento mas não à sua posse.

Quase metade dos entrevistados anuncia já não utilizar as câmaras fotográficas tradicionais, sendo este equipamento substituído pela função fotográfica dos telemóveis.

Hoje em dia, quem tem um bom telemóvel já não precisa de uma câmara. O meu telemóvel faz fotografias de qualidade como uma máquina de três megapixels faz. Por isso é que eu não tenho câmara. Tenho lá uma câmara em casa, mas não a uso.

(Masculino, 47 anos, 3º ciclo, profissional de segurança)

Mais de metade dos inquiridos possui um telemóvel com câmara fotográfica. Destes, grande parte utiliza a captação fotográfica através do aparelho, contra uma pequena parcela que declara não a usar. Apesar de cerca metade dos entrevistados afirmar não possuir câmaras fotográficas, mencionam fazer fotografias, na mesma, a partir dos seus aparelhos telefónicos. Alguns dizem que a maior parte das utilizações que dão aos telemóveis é mesmo a de câmara fotográfica.

Quando vou a algum lado, tiro uma fotografia para ficar como recordação. Tiro fotografias à minha família para ficar aqui guardado (...) e é essa a utilização do telemóvel.

(Feminino, 17 anos, ensino secundário incompleto, estudante)

Os entrevistados dizem utilizar mais as câmaras fotográficas e câmaras vídeo em épocas sazonais ou em datas festivas:

É mais para o Verão, digamos que é mais memórias, que eu nunca vou esquecer, como este Verão que nunca vou esquecer, porque tenho tudo gravado.

(Feminino, 15 anos, estudante)

Utilizo. Mas é mais no Verão. Assim, no Inverno usa-se quando é festas de anos ou Natal. Mas tirando isso, não se usa.

(Masculino, 16 anos, estudante)

Enquanto a câmara fotográfica apenas capta instantes festivos, determinados e pontuais, o telemóvel captura imagens do quotidiano, pois está sempre à mão, o que confirma os estudos citados, que apontavam para uma mudança na função social da fotografia. A partir da análise das respostas é possível perceber as diferenças entre as fotografias captadas pelas câmaras e pelos telefones.

Uma coisa quando eu acho 'bacana' é quando eu estou em algum lugar e me apetece gravar aquela imagem e eu lembro de que eu tenho telemóvel e isso, para mim, é uma das coisas que eu mais gosto da modernidade.

(Masculino, 35 anos, ensino superior, estafeta)

As pessoas com mais de 40 anos mostram-se mais avessas a essas utilizações do seu telemóvel. Uma atenuante para este comportamento pode vir do seu acesso tardio às tecnologias digitais, já na sua fase adulta, mostrando pouco interesse. Uma entrevistada de 42 anos, quando questionada sobre as funções do seu telemóvel, afirma que este tem muitos recursos mas que o utiliza para a sua função mais básica:

Sei que faz imensas coisas que eu não utilizo, estou a ficar velhinha e nunca utilizei. Sei que dá para gravar Mp3, que tira foto, dá pra filmar, essas coisas. Essencialmente dá pra telefonar.(...) oh, faz isso, tem lá fotos, tem lá filmes, às vezes me pergunto, mas pra quê isso?

(Feminino, 42 anos, ensino secundário, secretária)

Pelo contrário, o grupo de entrevistados mais jovens, e especialmente do sexo feminino, comenta utilizar com mais frequência o recurso fotográfico dos seus telemóveis. Outro ponto que se destaca é o fim do equipamento fotográfico como propriedade comum do

grupo familiar, apontado por Bourdieu (1965), quando a câmara acompanhava as ocasiões referentes a este grupo, limitada a oportunidades de socialização deste grupo e alguns poucos objectos. Agora, aos poucos, os dispositivos abandonam a sua particularidade de uso familiar para serem objectos pessoais, onde cada membro da família possui o seu: *Temos três máquinas fotográficas, uma é minha, outra é da minha irmã e outra é da minha mãe* (masculino, 16 anos, estudante). Essa individualidade do dispositivo também pode ser associada às multifunções que os telemóveis possuem. Assim não se sente mais a necessidade de aquisição de uma câmara fotográfica tradicional.

Apesar de as entrevistas não aprofundarem questões sobre participação digital no que se refere a imagem digital, em específico e em correlação com os computadores e a internet, foi possível verificar alguns casos pontuais. Entrevistados com formação superior parecem mais à-vontade na exploração das potencialidades de partilha, arquivo, edição e circulação das imagens:

Temos também um computador que funciona como um repositório dos conteúdos gerais, das fotografias, portando as coisas que partilhamos.

(masculino, 35 anos, ensino superior, director de empresa de *software* educativo)

Actualmente, eu tenho uma câmara digital que também filma e eu adoro usar, mesmo para tirar fotos, eu estou sempre actualizando os meus sites, essas coisas e, em viagens, principalmente, o hobby que eu tenho é filmar, fazer um diário da viagem toda e depois editar e colocar na internet.

(masculino, 22 anos, estudante universitário)

Fotografia como objecto de memória

Quando questionados se o equipamento fotográfico estava presente nas suas infâncias, os entrevistados respondem sempre com saudosismo de um passado que já se foi mas que continua imortalizado graças aos registos. Esta é a relação entre a fotografia, a lembrança e as memórias de cada indivíduo. Independentemente do seu estatuto socioeconómico, género e geração, os entrevistados comentam que possuem registos fotográficos arquivados.

Nos modos como as fotografias servem de objectos de registo, memória e recordação de ocasiões e momentos especiais como festas, aniversários, férias, alguns entrevistados dizem que em momentos de encontros familiares se tiravam muitas fotografias e que esses momentos são recordados, hoje, graças a este registo.

A gente tirava fotos nos momentos mais importantes da família. Nesses encontros de aniversário e essas coisas sempre utilizei muito a máquina fotográfica. Durante o meu percurso na universidade. Tenho fotografias de quase todos os momentos: testes, aulas, jantares, estudo, noites de estudo...

(Feminino, 35 anos, ensino superior, engenheira de Ambiente)

Segundo trabalhos da historiadora brasileira Miriam Moreira Leite (2000), sobre “retratos de família”, e da antropóloga Myriam Lins de Barros (1989), sobre “álbuns de família”, as mulheres, dentro do grupo familiar e de amigos, assumem o papel de “guardiãs” das memórias familiares e dos seus grupos de relações¹. Desta forma, arriscamos dizer que, no aspecto do registo e memória fotográfica, é na adolescência que se inicia uma “carreira” de responsáveis pelas lembranças e recordações.

Nas entrevistas, também se observa a importância do papel da mãe como retratista e conservadora das lembranças familiares. À matriarca é confiada uma responsabilidade social de preocupação e acompanhamento do crescimento dos filhos, além da preservação, organização, catalogação das fotos e da memória fotográfica da família:

A minha mãe era muito adepta a foto, sempre gostou muito e tínhamos muito mesmo. Também, com cinco filhos, não é?

(Feminino, 42 anos, ensino secundário, esteticista)

Eu adorava tirar fotografias. Antes de mim, a minha mãe adorava tirar fotografias, e antes de eu nascer eles já tinham uma câmara.

(Feminino, 27 anos, ensino superior, formadora)

Para Lins de Barros, o guardião da memória “está imbuído de um papel social que lhe confere o direito e também a obrigação de cuidar da memória do grupo familiar” (1989, p.38). No entanto, é notório que esta função nem sempre foi de responsabilidade da mulher. Quando os entrevistados são questionados sobre se tinham equipamentos fotográficos na sua infância, referem-se ao pai como o detentor da câmara, na linha do que apontava Bourdieu. Às mulheres-mães era concebida, apenas, a responsabilidade de arquivar e de manter as recordações guardadas:

O meu pai sempre teve uma câmara e, quando saíamos, tirávamos fotografias e sempre tive isso em casa.

(Masculino, 22 anos, ensino superior, desempregado)

Neste sentido é perceptível uma mudança nos papéis sociais sobre a quem cabe a responsabilidade de captação e arquivamento da memória fotográfica com o advento do digital.

Se “a fotografia é que credibiliza a veracidade e autenticidade do acontecimento” (Turazzi 1995: 31), pode-se dizer que as possibilidades de lembrança dos momentos diminuem e até podem ser apagadas por completo das memórias caso não exista um registo. A entrevistada mais idosa, que não sabe tirar fotografias, exhibe as recordações da história da sua vida a partir das fotografias emolduradas, espalhadas em redor. Para si, a imagem fotográfica ainda é algo “palpável” que merece um destaque na casa:

¹ Esta perspectiva é também referida nos artigos de Joseph Straubhaar et al., e de Carla Ganito, neste número da *Media & Jornalismo*.

Temos máquina fotográfica há mais de 20 anos. Há bem mais. E teeenho muitas fotografias. Aquela é do meu marido, que era o doente da bola, de maneira que ele é que ia entregar as taças... Quando as filhas eram pequenas não tínhamos, mas ia a todo o lado tirar fotografias. Eu tenho fotografias de todas as maneiras. Ia-se aos fotógrafos.

(Feminino, 90 anos, 4ª classe, doméstica)

Conclusões

Com as transformações impostas pelos avanços tecnológicos, é perceptível que a imagem passa a assumir um importante papel na comunicação interpessoal. Tendências e mudanças nas relações interpessoais se alteram com o surgimento do digital na vida quotidiana das pessoas.

Neste trabalho constatamos que a imagem favorece novas formas de sociabilidade, de laços familiares e sociais. Se existe uma relação entre a imagem fotográfica, as recordações e lembranças das pessoas, pode-se afirmar que a memória é um referencial da condição humana e desde sempre o homem se preocupa em deixar marcas da sua existência que um dia lhe darão sentido. Assim, ao promover uma ligação entre um passado que foi registado e que se reflecte na imagem fotográfica, produz-se um efeito de referenciação de momentos. O imaginário trabalha criando uma ilusão intemporal. A fotografia, desta forma, passa a ser um suporte perfeito, pois carrega consigo o real retratado por ela e a credibilidade e reafirmação de que aquele momento existiu. O digital só facilita esse processo e coloca-o à disposição de uma grande parcela da sociedade.

A sociedade de consumo, regida pela generalização de uma regra de produção de objectos de consumo, impulsiona novos hábitos e mudanças com a velocidade a que os avanços afectam os indivíduos e os grupos. A acessibilidade e funcionalidade que a telefonia móvel proporciona podem ser um indício dessa mudança económica. Neste contexto, a fotografia acompanha esse processo de perto.

Sobre a questão referente aos novos dispositivos fotográficos digitais, entre eles o telemóvel, sentimos que a imagem fotográfica se insere numa realidade que já faz parte do quotidiano. Podemos estar a vivenciar uma nova forma de abordagem de uma cultura visual, emergente. A relação existente entre a fotografia digital captada pelo dispositivo telefónico e a memória é que ambas servem como tecnologia útil para registo, testemunhas e disseminação de recortes. Se é ainda prematuro afirmar que a fotografia passa a assumir um novo papel social com estas novas funções e dinâmicas referentes à tecnologia, é evidente que esse processo está em fase de gestação. O seu carácter de mobilidade, portabilidade, popularização e hibridação tecnológica faz com que a imagem atravesse um processo de transformação estrutural, não apenas no seu formato estético, mas na sua função social.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R 1980, *La chambre claire. Note sur la photographie*, Gallimard/Le Seuil, coll, Les cahiers du cinéma, Paris.
- BOURDIEU, P 1965, "La définition sociale de la photographie", em Pierre Bourdieu, Luc
- CASTELLS, M 2007, Fernandez-Ardèvol, M., Qiu, J., Sey, A.. *Comunicacion Movil y Sociedad*, Ariel, Barcelona.
- DUBOIS, P 1984, *O Ato Fotográfico e outros ensaios*, Papirus, Campinas.
- GOGGIN, G 2006, *Cell phone culture: mobile technology in everyday life*, Routledge, Nova York.
- JUNG, J, Qiu, J, Kim, Y 2001, Internet Connectedness and Inequality: Beyond the "Divide", *Communication Research*, 28(4), 507-535, Acedido em 20 de Maio de 2010, «<http://crx.sagepub.com/content/28/4/507>»
- KATO, F, Okabe, D, et al 2005, "Uses and Possibilities of the Keitai Camera". In: Okabe, Daisuke e Misa Matsuda (Ed.). *Personal, portable, pedestrian: mobile phones in Japanese life*, MIT Press, Cambridge.
- KOSKINEN, I 2004, "Seeing with Mobile Images: Towards Perpetual Visual Contact", *Hungarian Academy of Sciences*, Acedido em 06 de Abril de 2010. «http://www.fil.hu/mobil/2004/Koskinen_webversion.pdf 2004».
- LE Goff, J 2003, *História e memória*, vol 5, Editora da UNICAMP, Campinas.
- LEITE, M.M 2000, *Retratos de Família*, vol 2, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LING, R 2004, *The Mobile Connection: The Cell Phone's Impact on Society*, Morgan Kaufmann Publishers, São Francisco, California.
- LINS de Barros, M. M 1989, *Memória e família*, Estudos Históricos, n.3, v.2, p. 29-42, Vértice, Rio de Janeiro.
- OKABE, D 2004, "Emergent Social Practices, Situations and Relations through Everyday Camera Phone Use", Acedido em 6 de Abril de 2010, Seul, Korea. «http://www.itofisher.com/mito/archives/okabe_seoul.pdf.»
- POLLACK, M 1992, Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, v.5, n.10, p.200-212, Rio de Janeiro.
- RIVIÈRE, C. A 2006, "Téléphone mobile et photographie: les nouvelles formes de sociabilités visuelles au quotidien", *Sociétés*, n. 91, p. 119-134, Paris, Acedido em 06 de Abril de 2010, «http://www.cairn.info/load_pdf.php?ID_ARTICLE=SOC_091_0119»
- RIVIÈRE, C. A 2005, "Mobile camera phones: a new form of 'being together' in daily interpersonal communication", In: Ling, Richard Seyler e Per E. Pedersen, *Mobile communications: renegotiation of the social sphere*, Springer, Londres.
- ROUCHY, P 2005, "Instant Messaging and Presence Services: Mobile Future, CSCW and Ethnography", In: Hamill, Lynne e Amparo Lasen, *Mobile world: past, present, and future*, Springer, Nova York.
- SCIFO, B 2005, "The Domestication of Camera-Phone and MMS Communication. The Early Experiences of Young Italians". In: Nyíri, Kristóf. *A sense of place: The global and the local in mobile communication*, Passagen Verlag, Viena.
- SHIELDS, R 2007, *Mobile Phone Imaging as Gesture and Momento*. Mobile Nation Conference. Toronto, Acedido em 06 de Abril de 2010. «<http://www.mobilenation.ca/sprshields.html> 2007».
- SHIELDS, R 2003, *The Virtual*, Routledge, Londres/Nova York.
- TURAZZI, M. I, 1995, *Poses e trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo*, Rocco, Rio de Janeiro.

VAN House, N, Davis, M, Ames, M, Finn, M & Viswanathan, V 2005, "The Uses of Personal Networked Digital Imaging: An Empirical Study of Cameraphone Photos and Sharing", em *Extended Abstracts of the Conference on Human Factors in Computing Systems*, Portland, Oregon, entre 2 e 7 de Abril de 2005. ACM Press, New York.